Antônio Martins de Aguiar

Itamar Espíndola

ANTÔNIO. O étimo e a significação deste prenome são muito discutidos. A maioria dos exegetas, todavia, apontam-no como proveniente do grego *Antonios,* pelo canal latino *Antonius.* Registra-se que a *gens* Antônia, família tradicional de Roma, tinha origem helênica. E Plutarco ensina serem os Antônius constituidores dos Heraclidas, dinastias gregas do Peloponeso, de Corinto, de Lídia e de Macedônia, que pretendiam provir de Ánton, filho de Hércules ou Héracles. Os Heraclidas de Peloponeso são os mais afamados. Uniram-se aos Dórios e expulsaram os Acaios do sul da Grécia.

O grego *Ánton,* talvez de *anyéo,* forma jônica, em lugar de *antáo,* significa "enfrentar, opor-se, a que ataca".

Outros ensinam que *Antonius* liga-se ao latim *antistes,* que tem o significado de "principal, comandante, chefe".

O antroponimista Wasserzieher leciona, à sua vez, que Antônio está preso ao latim *Antius,* vale dizer, "o vanguardeiro".

A Santo Antônio de Lisboa, também conhecido como Santo Antônio de Pádua, cujo nome real de batismo é Fernando, deve-se a expansão desse prenome, mundo afora. Embora exista outro Santo Antônio, isto é, Santo Antônio Maria Zacarias, fundador da Ordem dos Barnabites, o homenageado pelos pais, na escolha do nome dos filhos, é o Antônio de Lisboa.

MARTINS (com s). Sobrenome português, variante de Martinz (com *z*). É patronímico de Martin ou Martino, do latim *Martinici.*

O registro sobre Martins recua a séculos. De feito, a história anota esta passagem: "A rainha Da. Caterina, governando este reino, na menoridade de el-rei D. Sebastião, as deu (as armas) a Diogo Martinez, no ano de 1560."

AGUIAR. Sobrenome português geográfico. Derivado do latim *aquila* (águia). Houve acréscimo do sufixo *ar.* Significa lugar onde habitualmente permanecem as águias. A primeira pessoa que usou este sobrenome foi Pedro Mendes de Aguiar, no século XII.

* * *

Eis aí o étimo e a significação do nome do nosso homenageado, Antônio Martins de Aguiar, nascido em Cauípe, no município de Caucaia, na casa do avô materno Manuel Lopes do Amaral, a 4 de março de 1893, filho de José Martins de Aguiar e de Josefina Lopes de Aguiar. De acordo com a Lei, Martins de Aguiar é fortalezense nato, pois nesta comarca foi feito seu registro de nascimento.

Fiel às regras filológicas, ele escrevia Martinz com *z,* e dessa grafia não abria mão.

Nestes dois dias, a Universidade Federal do Ceará. pelo seu Departamento de Letras Vernáculas do Centro de Ciências, com o apoio do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Língua Portuguesa — a mais atuante das entidades culturais de Fortaleza — está realizando Seminário sobre as idéias lingüísticas de Martins de Aguiar. Nesse ato vai, sem dúvida. bom reparo ao atraso do meio intelectual cearense, longo tempo, para enaltecer a figura de tão eminente mestre da filologia.

Sempre entendi dever a biografia ser abrangente. Não ver o homem apenas sob o prismo dos seus conhecimentos, de sua cultura. Impende olhá-lo, também, sob outros ângulos.

A criatura humana não constitui mosaico de simples elementos somados, mas indivíduo, isto é, unidade indivisível. Antes de ter consciência do eu, o homem se sente global, num todo.

Cada um deve ser olhado sob análise inteira da personalidade, do caráter, do temperamento, dos gestos, das atitudes, das idéias espirituais e da inter-relação com os outros.

Aguiar tem sido estudado em trabalhos de valia, porém apenas sob o ângulo dos conhecimentos lingüísticos. Por isso, tento, nesta solenidade, visualizá-lo sob outros aspectos.

A PERSONALIDADE

EXAME GRAFOLÓGICO. Para honra minha, tenho duas cartas a mim endereçadas pelo mestre, uma quando escrevi EQUILÍBRIO DO SISTEMA NERVOSO; outra, quando publiquei CONFISSÃO E PSICANÁLISE.

À fonte grafológica recorri. Nela ponho fé. Porque a grafia retrata muito a personalidade. A mão segura a pena, mas obedece fielmente aos impulsos do interior. Como diz I. Marcuse, "os nossos cambiantes estados são inconscientemente impressos na escrita, produzindo modificações temporárias".

Alfredo Binet leciona: a grafologia permite juízo penetrante na individualidade. E Pierre Janet, do colégio de França, afirma ser a escrita documentário precioso, como "fita cinematográfica dos atos do indivíduo", aditando dever a Psicologia socorrer-se dessa técnica.

Por outro lado, Charles Richet, prêmio Nobel e famoso parapsicólogo, admite poder a mentalidade profunda do indivíduo ser estudada pela escrita. "Se ele é desordenado ou arrebatado, sua escrita será incoerente; se for vaidoso, haverá no seu grafismo sinais inequívocos dessa hipertrofia do eu."

Atualmente tida como ramo da Psicologia do movimento, está se tornando, na Europa, matéria de currículo universitário. Ela diz o temperamento, as tendências e o estado de saúde do examinado. Nada adianta, porém, sobre o comportamento futuro do indivíduo. Este depende muito do livre arbítrio.

Como a grafologia vê Martins de Aguiar?

As letras são largas e espaçadas, sinal de bom senso e exato cumprimento do dever. Em cada palavra, a maioria das letras une-se, com exceção da inicial. Esse isolamento, em geral nas maiúsculas, corresponde à parada do pensador dotado de clara visão das situações e à capacidade de saber ajuizar os efeitos de seus atos. A ligação das demais letras testifica lógica e harmonia no pensamento.

As barras compridas do *t* significam a presença do temperamental, a exaltar-se e falar alto, mas, também, a capacidade de ajudar, de proteger.

Espírito inclinado à reflexão forte para subjugar os desejos. Isto está demonstrado na verticalidade de quase todas as letras.

O papel escrito pelo examinado não tem pautas. Todavia, as letras se encontram em linhas imaginárias bem retas e horizontais. Atestam firmeza de caráter, vontade forte e perseverança.

Não há indício de ambição, visto como as letras não se acham em linhas retas ascendentes, demonstrativo, também, de coragem.

Os espaços entre as palavras poderiam anunciar inclinação para o gasto excessivo, porém as finais são curtas ou moderadas, sem traço comprido e inútil. Revela reflexão para reprimir tal tendência.

A altura das letras é igual, aspecto sinalizador de franqueza, lealdade e capacidade de dominar-se.

O traçado em geral é forte, claro, bem pronunciado, regular e limpo. Acusa a predominância do pensamento ativo, a sociabilidade, a alegria, o gosto de viver.

A assinatura, aposta muito distante da última linha, anuncia medo de ser dominado pelos outros. Depois de seu nome assinado desta forma, é encontrado um ponto, demonstrativo de prudência, reserva e desconfiança.

Orgulho íntimo está presente nas maiúsculas, cujo traço final segue para baixo da palavra.

Os *oo* fechados constituem índice da capacidade de guardar sigilo.

Há sinal de afabilidade e cortesia nas letras *q* e *p*, cujas pernas inferiores são traçadas em forma de 8.

Os acentos, colocados em nível muito alto, denunciam idealismo e misticismo.

A pontuação, cuidadosamente observada, revela ordem, no setor trabalho, com as características de pontualidade e assiduidade.

EXAME PSICOGNÔMICO. Vamos a outros aspectos, agora sob o ângulo da Psicognomia.

Como toda ciência, ela busca desvendar segredos. Embora pouquíssimos se dediquem a estudos desta natureza, muitos são os interessados pelas suas teses e conclusões, desejando-as tornem-se cada vez mais positivas e respaldadas por conhecimentos de caráter científico.

Eis o psicograma (esboço psicológico) de Martins de Aguiar, suplemento do exame grafológico:

Embora pessoa sociável, experimentava necessidade de, algumas vezes, recolher-se para introspecção, isolando-se, notadamente para meditações na área filológica.

Não suportava deslealdade.

Gostava de ser louvado, por necessitar de estímulo.

Quando experimentava decepções, tornava-se menos comunicativo.

Faltava-lhe capacidade para negócios. Daí talvez a razão de haver abandonado, cedo, as atividades comerciais.

Comovia-se facilmente. As lágrimas lhe eram fáceis. Chorou quando o professor Celso Cunha lhe disse haver ele Aguiar sido citado na Sorbonne, como filólogo de conceito internacional.

Preocupava-se quando surgiam problemas de ordem familiar, para os quais tinha grande sensibilidade.

Sentia irreprimível necessidade de falar. Dizia mais, escutava menos, e interrompia com freqüência o interlocutor.

Ao falar, ajudava a linguagem com o mover dos braços e das mãos.

O humor era instável, sujeito a manifestações de alegria, alternadas, porém, com períodos de tristeza.

Impulsivo, arrependia-se por haver liberado palavras intempestivas e inadequadas ou atitudes sem exame maior da situação.

Tendência para falar forte e com alto timbre de voz.

O pavilhão das orelhas, diretamente ligado à parte terminal da face, demonstrava susceptibilidade e sugestionabilidade.

As sobrancelhas bem arqueadas significavam capacidade empática, bastante para sentir os problemas alheios.

A largueza do eixo biauricular revelava temperamento combativo e teimoso, a ponto de não obedecer às prescrições médicas.

Na largueza do queixo, estava a energia fisiológica.

O nariz de asas relativamente largas mostrava potência toráxica e respiratória. Confirma-a a largura dos ombros.

Ainda tomando por estudo o nariz, sua conformação registra boa capacidade executiva.

A fonte fugidia, de base proeminente, dá notícia do intelectual perceptivo agudo, do observador e do realista.

O queixo saliente confirma o obstinado.

No nariz, havia ligeira convexidade, sinal de bastante energia motora.

A testa larga denuncia ótimas qualidades intelectuais de um ontofrênico e de pouca inclinação para as atividades físicas.

Todos esses dados me foram fornecidos por fotografia e por observações pessoais, quando algumas vezes visitei o examinado, dois anos antes de falecer.

POSTURA FÍSICA — A adoção de postura exata contribui para a manutenção da saúde e auxilia a formação da personalidade.

Quando se permanece durante longo tempo curvado para a frente, depois de uma refeição, surgem sintomas de perturbação no processo digestivo. As pernas experimentarão estado de entorpecimento.

Os técnicos em psicologia e em esporte insistem por que as pessoas adotem posição ortostática, isto é, correta. Por que assim os movimentos passam a ser harmoniosos, os pensamentos encontram campo para o otimismo e os órgãos tornam-se mais aptos e desenvolvidos.

"Numa posição anormal, a unidade interna-externa é perdida e o corpo fica em desequilíbrio, as forças físicas mal divididas. O simples fato de ficar em pé causará fadiga, desconforto e dores musculares. O resultado é a estafa física e mental, devido ao gasto desnecessário de energia. Postura física defeituosa causa congestão sangüínea, anemia, cãibras, problemas hormonais e nervosos."

Martins de Aguiar, intuitivamente, guardava postura paradigma, elegante, como se houvesse recebido aulas de grande *expert* na matéria. Andar cadenciado, braços em movimento sincrônico, passos largos e firmes. O busto erecto, o olhar firme. A cabeça bem levantada protegida com chapéu do Chile, parecia lançar desafio contínuo à vida, como se fora soldado imbatível contra os acontecimentos. Esse, decerto, um dos fatores de sua saúde. Atingiu 81 anos, 5 meses e 26 dias, pois faleceu a 30 de agosto de 1974, às 17 horas e 30 minutos, nesta Capital. Alcançou ótimo ponto na faixa etária, pois a média de vida atual, no Brasil, é de somente 65 anos.

O TRAJE — Pesquisas de natureza psicológica e psicanalítica concluíram: a roupa serve a três objetivos fundamentais: a proteção, o enfeite e o pudor.

Mas, qual a prioritária?

A maioria dos especialistas inclina-se para o enfeite, como razão primeira do uso das vestes. Inicialmente, a roupa não foi tida como imprescindível à constituição do corpo humano, mesmo em clima frio e úmido, porque o homem primitivo era bastante peludo. Por si só, isto constituía defesa natural contra as intempéries.

Acurados estudos antropológicos concernentes às raças primevas provaram a existência de povos sem vestes, nunca, todavia, desprovidos de enfeites.

Ainda hoje, as crianças, civilizadas ou não, buscam, em primeiro lugar, vestes adornantes do corpo. Somente depois, quando alcançam certa fase de discernimento, procuram cobrir-se, mas, então, com o fito de ocultar as partes pudendas.

Dessa primeira fase escaparam somente Adão e Eva. Como descreve o *Gênesis,* "os seus olhos abriram-se e, vendo-se nus, tomaram folhas de figueira, coseram-nas e fizeram cinturas para si" (Cap. 3, v. 7).

A propósito disso, Knignt Dunlap profetiza: voltaremos à nudez unissexual. A mulher assim procederá brevemente, dentro de "poucos anos", mas causará pouca emoção. A afirmação procede. De feito, ela já anda seminua, ao reboque das normas ditatoriais da moda, invasora até das portas da Igreja, outrora mais guardiã do recato. Essa seminudez — afirmam os médicos — está fazendo eclodir entre jovens de 18, 20 e 30 anos, autêntica epidemia de impotência *coeundi.* A habitualidade em ver o nu concorre para elidir a libido.

Há homens apreciadores das roupas de cor escura; outros, das vestes claras. Aguiar tinha fascinação pelas vestes brancas. Dada a sua pobreza, possuía apenas dois ternos. Conservava-os em magnífica forma de limpeza, assim como o colarinho da camisa social e a gravata. Os vincos das calças não eram eliminados pelo uso. Tinha o cuidado de, com os dedos polegar e índice, acentuá-los bem, antes de colocar a peça em lugar próprio. Seus amigos e os de casa admiravam-se porque nem a tinta dos jornais sujava a fazenda de suas vestes.

Qual a razão de alguns preferirem o branco?

Segundo as normas da Cromoterapia, o vermelho e o amarelo são excitantes, elevam a pressão sanguínea, aceleram a respiração, reanimam a pele e as glândulas. O verde e o azul produzem a tranqüilidade, baixam a pressão arterial e acalmam a respiração. O preto, carência de luz, é prejudicial à saúde.

No branco estão ausentes todas as cores. Ele perturba a acomodação do olho humano e impede que a refração se processe dentro das regras de normalidade. A pupila se fecha e dificulta a entrada dos raios luminosos, imprescindíveis à visão perfeita. Por isso, a afirmação: o branco é fator de mal-estar.

Assim, o branco nenhuma função desempenha na Cromoterapia. No entanto, na área da higiene, constitui-se fator de limpeza. Como facilmente torna-se sujo, quem dele se utiliza sente necessidade de cuidar do asseio. No meio médico e entre os dentistas e enfermeiras, é prevalente nas vestes e no mobiliário.

Pode-se estabelecer a relação do branco com a inocência e a moralidade. O usuário seria pessoa pura de consciência, e quer exteriorizar esse estado através das vestes alvas, puras.

Também, pode-se conectar o branco com o sentimento de escrúpulo. Este é forma de psicastenia, caracterizada por forte hesitação antes de agir, descontentamento posterior, mania de voltar atrás e de reexaminar situações para assumir novo comportamento. Como o escrupuloso está muito ligado ao asseio, o branco o representa bem.

Outra explicação: As pessoas de branco são vaidosas. E uma das melhores formas de chamar a atenção para si é apresentar-se com vestes limpas, pois a roupa branca indicia a presença da limpeza.

Segundo estudos feitos, os usuários do branco são pessoas susceptíveis, independentes, cheias de personalidade, sociáveis, atenciosas, mais comandantes, menos comandáveis, de boa capacidade de trabalho, vulneráveis à crítica, vaidosas, ligadas ao tradicionalismo, de natureza franca. Quando provocadas, tornam-se irritadiças, teimosas. A higiene corporal constitui-se para elas preocupação permanente.

ENTRE AMIGOS E ALUNOS

Na calçada do prédio situado na Rua 24 de maio, n.º 866, no quarteirão posterior ao do Lord Hotel, este na Praça José de Alencar, nosso filólogo costumava estar com amigos, à noite. A reunião realizava-se diariamente, de 19h30min. às 21h 30 min. Dela participavam Francisco Militão, padrasto do Dr. Zacarias do Amaral Vieira; Leonoel Jucá, vizinho em frente; o Majos Francisco Ribeiro Montenegro, ex-Ajudante-de-Ordens do antigo Presidente José Carlos de Matos Peixoto; Valfrido Monteiro, genro desse militar; e René Paiva Dreyfuss, então estudante. Os problemas abordados na roda concerniam à política e aos fatos da cidade.

Admirável *causeur,* o mestre dominava o ambiente, sempre conversando, debatendo, explanando, polarizando a atenção dos companheiros.

De segunda a sexta-feira de cada semana, o perfilado de hoje integrava pequeno grupo de amigos. Reuniam-se na porta da Livraria Imperial, pertencente a Clóvis Mendes. Ali permaneciam, de 7 1/2 às 8 1/2, o Padre Joaquim Rosa, o Dr. João de Deus Cavalcante, considerado por Martins um dos maiores humanistas do Ceará; o General Dr. Carlos Studart Filho, Presidente do Instituto do Ceará, tido pelo homenageado como um dos bons historiadores; e o serventuário de Justiça Joaquim Silveira Marinho, douto no vernáculo. Essa roda de companheiros foi acrescida, algum tempo depois, por Antônio Soares,

conceituado filólogo cearense; Pedro Sampaio, médico de renome; Manuel Albano Amora; poeta René Paiva Dreyfuss, o aluno do Liceu mais estimado por Aguiar, a quem se ligou por laços de fraternal amizade, atualmente advogado, Procurador Jurídico da Prefeitura de Fortaleza e o político militante, o grande historiador Raimundo Girão; e Marco Antônio Forte, advogado e ex-Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil; Padre João José Cavalcante, jornalista; Ismael Pordeus, jornalista; Francisco Olavo de Sousa, advogado e ex-Procurador da Junta Comercial do Ceará, o poeta Cruz Filho; e Raimundo Gomes de Matos, então advogado e professor da Faculdade de Direito.

Esses ilustrados cearenses reuniram-se durante cerca de 6 anos, de 1931 a 1937. Nos dois primeiros anos, porém, o agrupamento se efetivava na Praça do Ferreira, de 16 às 17 horas, na porta da Farmácia Pasteur, mas integrado apenas por René Dreyfuss, Aguiar, Antônio Soares, Carlos Studart, Hermínio Araújo e Pe. Rosa.

O PROFESSOR E O EXECUTIVO

Embora decorridos muitos anos, recordo com emoção e saudade maior, a fáceis do mestre, ministrando aulas eruditas. Rosto alegre e expressivo, gestos seguros, dicção exata, respeito imperante, tudo isso formava fator de bom êxito no aprendizado.

Sem tanto parecer, era sensível às reivindicações e aos problemas dos estudantes. Todos os anos, o Diretor do antigo Liceu do Ceará, hoje Colégio Estadual, anistiava os discípulos apenados. Foi no período de fins de 1930 e 1934. Antes foi vice-diretor.

Aguiar determinou que os alunos, de túnica ou de gandola, andassem de colarinho. Assim, a farda tomava aspecto bem distinto.

Gostava quando os estudantes travessavam, e até lhes dava estímulo para certas brincadeiras. Certa vez riu bastante, quando lhe contaram este fato. Um terceiranista, pretextando tornar-se freguês, fizera parar um jumento carregado de panelas de barro. De repente, falou baixo na orelha do quadrúpede. Este escoiceou e pôs a carga para baixo. O dono do jumento queixou-se ao Delegado e o aluno foi preso.

— Que fez o senhor para o jumento derrubar a carga?

— Nada, não, senhor Delegado. Apenas dei-lhe uma notícia. Eu disse: "Sua mãe morreu"...

O delegado, Capitão Espinheiro, muito amigo dos liceistas, limitou-se a comentar gostosamente:

— Mas essa não é notícia que se dê a um pobre jegue carregado de panela de barro...

O certo, porém, é que o mensageiro havia introduzido um charuto aceso na orelha do animal.

Em 1930, antes da Revolução, houve manifestação estudantil do Liceu contra o governo Matos Peixoto, Presidente do Ceará. Os manifestantes foram detidos por ordem de Mozart Catunda, Chefe de Polícia assás impopular.

Aguiar foi à Chefatura de Polícia, ali onde hoje está a sede da Caixa Econômica Federal, e conseguiu a soltura dos alunos. Antes, declarou orgulhosamente:

— Estudante meu não fica preso!

Avezadamente, usava linguagem coloquial própria, a tomar conta dos liceistas. "Negrada", "cambada", "esbodegar" e "esmulambar". Essas duas últimas com a significação de anarquizar, eram suas inquilinas constantes.

Jamais deu nota *Zero*. Tinha-a como agressiva e humilhante. A mais baixa conferida era *um*, por ele denominado grau "porra".

Quando vários alunos não respondiam a uma pergunta formulada, ele atribuía ao acertante, para premiar o acerto, a nota 8 ou 9, conforme a hipótese.

Detinha método próprio de ensinar. Certa vez entrou na classe um amigo seu, com quem conversou alguns minutos. À saída da visita, disse aos estudantes:

— Negrada, o exercício de hoje é descrever essa pessoa. Ela acabou de falar comigo.

Na aula seguinte, trouxe os trabalhos. Havia disparidade básica em quase todos eles. A visita era descrita como portadora de olhos azuis, pretos, amarelos. O tipo, dado como alto, baixo, magro, gordo; os cabelos louros, brancos, vermelhos: os gestos exagerados ou moderados. Enfim, uma mixórdia.

Por isso, Aguiar aproveitou o fato para registrar a falha do testemunho humano, com toda a sua falibilidade. Provou: a história não mente. Quem falta à verdade são os historiadores. E esse é grande argumento contra a pena de morte. Porque não se pode restituir a vida a quem foi vítima de erro judiciário, resultante da deficiência do testemunho ocular.

Forte como os bravos, Martins de Aguiar manteve a disciplina enquanto dirigiu o velho Liceu do Ceará. Um lente havia no estabelecimento, e desfrutava muita simpatia entre os discípulos. Chamava-se César Campelo, simplesmente César para os estudantes. Apesar de ótimo professor, César era "assíduo" em faltar. Desafiava o Diretor se tivesse o ousio de cortar-lhe o ponto. Numa sexta-feira, ele deixou de comparecer à aula. Aguiar mandou assinalar a falta, com a perda dos vencimentos. O faltoso foi à Diretoria e tentou agredir o superior hierárquico. Aguiar levantou-se rapidamente, pôs o revólver à luz do dia e gritou:

— Não seja besta! Se der um passo, eu o queimo!

A turma do "deixa-disso" afastou os dois. Os ânimos serenaram. O ponto ficou cortado, o império da disciplina mantido.

Outro fato atestante dessa capacidade disciplinar: Japi Magalhães foi suspenso por 8 dias. Revoltou-se contra o ato do então Diretor, Hermínio Barroso (pai de Parsifal Barroso). Então Japi ameaça o dirigente. Aguiar assumiu a direção do colégio e suspendeu o rebelde por dois anos consecutivos. Terminado o prazo da suspensão, o punido não mais retornou ao Liceu.

O INTELECTUAL CONVICTO

Antenor Nascentes, exuberante em obras de grande valor, dirigiu-se ao Liceu do Ceará, em 1930, para visitar o mestre cearense. No meio da conversa, Aguiar fez reparos a uma das obras de Antenor. Embora louvando-a, declarou: só a adotarei para os meus alunos se você corrigir alguns erros nela contidos.

Nascentes tivera polêmica pública com Joaquim Ribeiro, filho do eminente João Ribeiro, e venceu-o com muita vantagem. Decerto, lembrou-se da ocorrência. Riu e disse para Martins de Aguiar, de modo satírico, com reticências:

— Olhe o caso do Joaquim Ribeiro...

Sem demorar instante, Aguiar ergue-se, bate no peito e afirma convicto:

— Mas eu me chamo Martins de Aguiar com *z*!

Além de autoridade das maiores em Português, o professor cearense dominava bem o francês, o inglês e o latim. Participou de bancas para examinar Otávio Farias, em português, Waldemar Barros, em inglês, e Edmilson Souza Lima, em francês, quando disputavam as respectivas cadeiras no Liceu do Ceará.

POBREZA E SIMPLICIDADE

Como sói acontecer com os professores em geral, o insigne biografado era homem pobre. Vivia modestamente e possuía somente duas roupas. Aguardava dois ou três meses para encontrar verba em seu reduzido orçamento e poder comprar os livros necessários. René Paiva lhe emprestava obras para o filólogo fazer pesquisas, quando entrava em polêmica com outros mestres.

Em 1930, todos seus filhos adoeceram de paratifo, doença àquela época considerada de bastante gravidade, pois não havia antibiótico. O tratamento era pouco eficiente, feito à base de biodina e septicemina, de fraco poder contra o bacilo de Erberth, hoje facilmente liquidado com a cloromicetina.

O Doutor José Medeiros, dr. Medeirinho dos pobres, padrinho de um dos filhos de Aguiar, o Dr. Álcimo, salvou a situação, não somente tratando de todos os doentes, mas, também, nada cobrando de honorários médicos, dada a situação de Aguiar.

Quando nosso homenageado se encontrava em dificuldades financeiras, era socorrido por sua irmã, Raimunda Aguiar, então Caixa da Fábrica Progresso, hoje sob a razão social TOMAZ POMPEU DE SOUSA BRASIL, S.A., Fiação e Tecelagem, situada na Rua Tristão Gonçalves, 546, próxima à antiga Casa de Saúde César Cals.

Meu amigo filólogo nunca pôde adquirir casa própria. Sempre residiu em casa de aluguer. A última, onde faleceu, na Rua Pedro Pereira, 655, pertenceu às conhecidas irmãs Meneses, falecidas em São Paulo.

Realce-se a simplicidade de Aguiar. Exigia dos alunos e conhecidos o chamassem Aguiar. Nada de professor ou mestre, nada de doutor (e não o era) nem de "seu Aguiar". Entretanto, era douto, erudito e sábio. Desse modo, o classifico porque o erudito conhece bem as autoridades e os fatos apoiantes dos seus conhecimentos. O douto adentra-se nas lições dos escoliastes. O sábio investiga, analisa e cria com seu talento inventivo, fornecendo a razão do ministrado. Ele o era, também.

Agora, o reparo de um fato. Contam ele costumava fazer esta classificação, entre os sabedores de Português no Ceará: "Em primeiro lugar, eu; em segundo, eu; em terceiro, ainda eu; e, em quarto, o negro Otávio Farias..., se estudar."

Antes de morrer ele restaurou a verdade histórica. Declarou ao Dr. Ilo Aguiar, seu filho: "Jamais usei tal expressão."

Críticas, fê-las muitas e até contundentes, mas com elegância, educação e cultura. Um dos alvos foi Silveira Bueno. Este não teve ânimo nem armas para responder-lhe, tão indestrutível foi a argumentação atacante.

O silêncio de Silveira causou espécie, dado seu hábito de polemista impenitente.

A FAMÍLIA

A família, célula maior e básica da sociedade humana, foi permanente objeto dos cuidados de Martins de Aguiar. Constituiu-a aos 25 anos, pois casou-se a 25 de junho de 1918, com Ofélia Cavalcante de Aguiar, filha do judicante Dr. Enéias Cavalcante Sá e de Maria Emília de Magalhães e Sá. Do casamento tiveram os filhos Gulnar Cavalcante de Aguiar, casada com o advogado e fazendeiro Fenelon Araújo Magalhães; o médico psiquiatra Álcimo Cavalcante de Aguiar, do INAMPS, casado com Jovita Cavalcante de Aguiar; e o professor Ilo Cavalcante de Aguiar, advogado de Ofício, casado com a professora Maria Salete Rios de Aguiar.

Manifestando bons sentimentos de ajuda aos outros, o casal criou como filhos o cirurgião dentista Ivan Cavalcante Bezerra, casado com Rosimir Pinheiro Bezerra; e Zélia Bezerra Gondim, casada com o bancário José Guilherme Gondim.

Jamais se teve conhecimento de qualquer ato de infidelidade praticado pelo cônjuge varão. Ele sempre dedicou grande afeto à esposa, senhora de magnífica formação moral e religiosa, totalmente entregue às lides domésticas e à formação dos filhos.

Martins de Aguiar tinha em seu filho Dr. Álcimo como o conhecedor maior das obras do grande mestre. E Álcimo se acha empenhado nas providências da reedição do melhor trabalho, sob o título REPASSE CRÍTICO DA GRAMÁTICA PORTUGUESA, publicado no ano de 1922, quando Aguiar tinha apenas 30 anos de idade. A revisão está confiada ao prof. Evanildo Bechara, um dos melhores filólogo do país e amigo do reverenciado desta tarde.

O RELIGIOSO

Desde jovem, Aguiar era ateu. Quando se lhe apresentavam oportunidade, criticava a Igreja Católica. Via-a com descaso.

Mas, é incontestável, a criatura humana torna-se amadurecida e vai buscando as razões do transcendental, para o conhecimento de Deus.

Durante certo tempo, confessa, lutou para abraçar a fé.

Finalmente, veio o dia da mensagem salvífica, o da conversão ao catolicismo, em novembro do ano de 1953, quando passou em Fortaleza a imagem de Nossa Senhora de Fátima, em peregrinação por todo o Brasil. Antes, todavia, a Graça já trabalhara em tempo fértil. Notava-se, dia a dia, o caminho do espírito ateu em busca da Verdade eterna, o Cristo.

Em carta a mim dirigida, Aguiar escreveu:

"Meu caro Itamar:

Li o seu trabalho CONFISSÃO E PSICANÁLISE. E que espera que lhe diga, se é admirável de exposição, discussão e ilação? Você é um seguríssimo orientador católico, servido por estilo simples, preciso, correto. A Confissão é aquilo mesmo que ali está. Todas as vezes que a ela me submeto, a alma estremece-me de alegria e fica como se pudesse voar, tão leve, tão leve! ...

É questão minha ter como confessores dois colegas do Liceu, como eu catedráticos, os padres André Camurça e João José Cavalcante, este quem, por meio de livros que me emprestou, me trouxe à felicidade espiritual de hoje. Tomei essa resolução para ainda mais me privar de fazer o que não devo, até porque o homem não se há de envergonhar em público daquilo que a sós não se envergonhou.

Do velho mestre, colega em letras e irmão em Cristo.

(Sua casa, em Fortaleza, 12 de novembro de 1965)."

A partir de sua conversão, tornou-se assíduo freqüentador dos sacramentos. Todos os domingos, assistia piedosamente ao Santo sacrifício da Missa, na Igreja de São Bernardo, celebrado por Mons. André Viana Camurça, com quem se confessou muitas vezes. Tornou-se fiel soldado de Cristo. A luz de Deus lhe acendera a Fé. E assim permaneceu até o dia de sua morte, para iluminar-lhe os passos finais, nos caminhos que o levaram à Eternidade.

Agora, ele vê desperto o que sonhou em vida: Deus na plenitude da bondade sem fim e da misericórdia infinita.